

A NOVIDADE DA EDUCAÇÃO EM COMÊNIO: ALGUMAS PROPOSIÇÕES

Adelmar Santos de Araújo¹

RESUMO

Com o presente trabalho, objetivamos interrogar a novidade da educação em Comênio, ou seja, em seu pensamento didático-pedagógico. Para tanto, foi lida a obra *Didática magna* e buscamos discuti-la com alguns autores, tais como: René (1967), Larroyo (1974), Cambi (1999), Manacorda (2010). Assim, defendemos que há algo que, ainda, precisa ser dito sobre Comênio: seu pensamento está para além de uma didática, no sentido do fazer pedagógico que se reduz a mero conjunto de instruções técnicas de dar aulas.

Palavras-chave: educação, didática, Comênio.

THE NEWS OF EDUCATION IN COMMON: SOME PROPOSITIONS

ABSTRACT

with this study, we aimed to examine the novelty of education in Comenius, ie in their didactic and pedagogical thinking. For that was read magna didactics work, and seek to discuss it with authors such as René (1967), Larroyo (1974), Cambi (1999), Manacorda (2010). Thus, we argue that there is something that needs to be said about Comenius: his thinking is beyond a didactic, towards the pedagogical is reduced to a mere set of technical instructions to teach.

Keywords: education, didactic, Comenius.

¹ Professor Universitário e da educação básica em Goiás. e-mail: historiaecultura2011@gmail.com

Mas, senhores, os que madrugam no ler, convém madrugarem também no pensar. Vulgar é o ler, raro o refletir. O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas ideias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, porque passam, no espírito que os assimila. Um sabedor não é um armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas. (BARBOSA, 2009).

Pois não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares. Mas simplicidade tão apurada é privilégio de alguns raros eleitos. (BLOCH, 2001 – obra interrompida com o fuzilamento do autor em Lyon pelos nazistas em 1944, publicada postumamente).

INTRODUÇÃO

O tcheco João Amos Comênio (Jan Amos Komenský) (1592-1670) é considerado o ‘pai’ da pedagogia e/ou da didática² moderna. Segundo Marcos Masetto (1997, p. 12), “o termo ‘didática’ é conhecido desde a Grécia antiga e significa ‘ensinar, instruir, fazer aprender’”. Ora, o termo em si é anterior a Comênio. Então, qual a novidade da didática comeniana? Se quiser, podemos perguntar: qual a novidade da educação em Comênio?

Seria Comênio herdeiro de uma tradição linear contada desde a Grécia antiga ao século XVII, século em que ele viveu a maior parte de sua vida e escreveu sua *Didática magna*, ou teria ele uma “forma singular através da qual ele soube ler seu momento histórico e traduzi-lo para a educação” (GASPARIN, 1998, p. 14)? Ao que parece, tanto numa situação quanto na outra corremos o risco de ficarmos presos a uma contextualização histórica e nos contentarmos apenas com isso. É claro que Comênio está inserido numa determinada sociedade. Mas não é isso que está em jogo.

² José Carlos Libâneo (2008, p. 15) inicia o “estudo de Didática situando-a no conjunto dos conhecimentos pedagógicos e esclarecendo seu papel na formação profissional para o exercício do magistério”. Mais adiante o autor explica que a “Didática é o principal ramo de estudos da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos. A Didática está intimamente ligada à Teoria da Educação e à Teoria da Organização escolar e, de modo muito especial, vincula-se à Teoria do Conhecimento e à Psicologia da Educação” (p. 25-26).

Nossa compreensão é a de que se pretendemos interrogar a novidade da educação em Comênio, temos de fazer uma história da educação por dentro da educação. Ou seja, se buscamos a didática de Comênio, é pelo interior da didática comeniana que devemos percorrer e não tentar encontrar verdades em causas exteriores a ela.

Uma explicação: se tentamos ir além de uma história social da educação em Comênio, não é porque ignoramos ou porque não damos o seu devido valor, mas simplesmente porque entendemos que já foram dadas muitas contribuições nesse sentido. Autores como René (1967), Larroyo (1974), Cambi (1999), Manacorda (2010), só para citar alguns exemplos, em suas histórias da educação e/ou da pedagogia situam Comênio muito bem.

Em termos de estrutura do trabalho, o texto está dividido em duas partes: na primeira, apresentamos brevemente as ideias mais divulgadas, a nosso ver, sobre Comênio. Na segunda parte, ensaiamos uma discussão acerca do pensamento comeniano. Tentamos desenhar um percurso, esboçar um olhar.

René, Larroyo, Cambi, Manacorda: O Que Eles Dizem Sobre Comênio

“O princípio fundamental da pedagogia de COMENIUS, fiel, nesse ponto, à dupla orientação do pensamento reformado, é que cumpre formar o homem com vistas à vida espiritual, mas também em face da vida temporal e civil” (RENÉ, 1967, p. 233). E, para atingir tal completude, seria preciso que houvesse a apresentação de uma ideia pedagógica bem sistematizada. Assim, o aluno receberia de cada ciência “as noções mais fundamentais”. René lembra que tal sistematização não seria puramente lógica ou dialética, mas constituída na experiência, na percepção sensível, e “seu destino é preparar o homem para todas as formas possíveis de ação. A ciência é, de resto, a representação do mundo – de um mundo brotado, por inteiro, de uma só e mesma raiz. COMENIUS é, a esse respeito, o precursor do enciclopedismo do século XVIII” (RENÉ, 1967, p. 235).

Segundo Francisco Larroyo (1974, p. 415), foram reunidas em Comênio “todas as tentativas de reforma pedagógica do século XVII”. Contudo, a “nova didática” não nasceu do nada nem se firmou isoladamente. Ela está inserida em determinadas circunstâncias históricas. Entre elas estão: a ampliação do mercado com o ‘descobrimento’ da América; a reunião de trabalhadores em cooperativas; a manufatura; a passagem da manufatura à produção industrial; a substituição da roca pela máquina de tear; a substituição do tear manual pelo tear mecânico. Enfim, uma série de atos individuais converteu-se “numa série de atos coletivos”. Tudo isso

colaborava no processo de dominação do homem sobre a natureza. Tais transformações terminariam por refletirem-se nas ideologias.

“Ao conselho solene lançado por Agrícola dois séculos antes [...] faziam coro, Bacon (1561-1626), Descartes (1596-1650), Pascal (1623-1662)”, conforme assinala Larroyo (1974, p. 416). Segundo o autor, em Bacon a verdade vai de acordo com o tempo; em Descartes temos o conselho da não rendição à evidência; em Pascal há o convite da introdução do experimento como critério seguro das ciências. No mesmo contexto, Galileu (1564-1642) descobriu os satélites de Júpiter e Harvey (1578-1657) descobriu a circulação do sangue. Nessa esteira de “inovações” também caminhou Comênio. Em termos de obras importantes, temos: o *Novum Organum*, de Bacon, de 1620; o *Discurso sobre o Método*, Descartes, de 1637; o *Fragmento de um Tratado sobre o Vácuo*, de Pascal, de 1651. Em 1657, vinte anos após o *Discurso sobre o Método*, apareceu a *Didática Magna*, de Comênio.

Segundo Franco Cambi, o século XVII “dá início a uma verdadeira refundição da pedagogia e da educação”, em outros termos, a história educativa do Ocidente alcança uma real reviravolta. O século XVII, diz Cambi, está repleto de contradições e potencialidades e para compreendê-lo importa “partir de Comenius e do seu modelo de educação universal que veio mediar reciprocamente ciência, história e utopia sobre o pensamento fortemente original e, ao mesmo tempo, rico de passado e carregado de futuro” (CAMBI, 1999, p. 280).

Se no século anterior, com Montaigne se teorizava um modelo de “educação individual e prática”, no qual se respeitava a natureza e a psicologia do educando, com o século XVII afirmava-se “um modelo de pedagogia explicitamente epistemológico e socialmente engajado”. Comênio e seus colaboradores conseguiram observar, com habilidade e precisão, os ideais culturais e políticos da Idade Média e, a partir daí, puderam elaborar “uma ideia de educação universal” alimentada por intensos ideais “filosóficos e político-religiosos. Estes remetem explicitamente às posições dos utopistas da época renascentista, sobretudo no que tange aos ideais de justiça e de pacificação universal, além de reforma social, política e intelectual” (CAMBI, 1999, p. 281).

Comênio é o primeiro a defender a “universalidade da educação” contra os interesses de classes e as restrições advindas de tradições. Afirma, ainda, a centralidade da educação universal na vida do homem e da sociedade. “A unidade entre engajamento social e consciência científica caracteriza, então, o início de uma reflexão orgânica sobre a educação, sendo

Comenius o primeiro a afirmar seu caráter de disciplina autônoma em relação à filosofia e à teologia” (CAMBI, 1999, p. 284).

Conforme escreve Mario Manacorda, a obra de Comênio “sintetiza o velho e o novo da pedagogia”. O grande tema da pedagogia de Comênio consiste, segundo o autor, na “reelaboração de toda a enciclopédia do saber, *Orbisscibilium*, e sua sistemática adequação às capacidades infantis”. Eis, pois, para Comênio “parte da obra de regeneração de toda a sociedade humana” (MANACORDA, 2010, p. 269).

Se de um lado Manacorda reconhece a Comênio, no plano da prática didática, o mérito da pesquisa e a valorização de metodologias, hoje consideradas “ativas” e experimentadas desde o humanismo: principalmente a elaboração de *Orbis pictus*, ou seja, de um manual inventado “como um atlas científico ilustrado”, com a finalidade de que “junto com as palavras chegassem às crianças, senão as coisas, pelo menos as imagens das coisas; e da *Scholaludus*, isto é, de um texto que utiliza a didática da dramatização, fazendo as crianças citarem ‘ativamente’ os personagens da história” (MANACORDA, 2010, p. 270).

De outro lado, o autor não reconhece em Comênio um revolucionário. Para ele, Comênio estaria cheio de “saudosismos medievais” e mesmo tendo sido um “grande sistematizador”, embora tenha “chegado um pouco atrasado, quando o mundo já havia mudado mais do que ele pensava [...]. Foi um utopista, que achava estar no fim do mundo, *sub mundifinem, ultimo saeculo*; e trabalhava, talvez, mais em vista desse fim do que do porvir do mundo” (MANACORDA, 2010, p. 274).

De nossa parte, reconhecer em Comênio um revolucionário ou não revolucionário parece complicado. Ora, talvez seja necessário interrogar com que olhar se vê o aspecto revolucionário ou não se pode vê-lo. Em todo caso, é preciso cuidado para não se incorrer no pecado do anacronismo, ou seja, tentar ver o passado com os olhos de hoje. Outra questão: parece mais fácil ver revolucionário utopista do que utopista não revolucionário. Além do mais, em se tratando de educação, dificilmente a teremos do jeito que idealizamos. Mais do que nunca é necessário conhecer a realidade. Todavia, sem a quimera, sem o olhar ampliado no horizonte das possibilidades, de igual modo, dificilmente a educação *real* sofrerá mudanças. Entretanto, essa é uma discussão para outro momento.

Quanto às obras de Comênio, parece oportuna a citação de Larroyo (1974):

Comênio trabalhou como educador e como teórico da educação [...] A obra literária de Comênio tem dois aspectos; um prático e outro teórico. O primeiro é formado pelos manuais destinados à prática docente; o segundo,

pelos livros que contêm sua doutrina acerca do ensino e da educação (LARROYO, 1974, p. 417).

O mais famoso entre os manuais escolares, segundo Larroyo, é *A porta aberta das línguas (Janualinguarumresereta*, de 1631). Trata-se de um livro com a pretensão de dar uma “imagem completa da realidade” na qual apresentava: “universo, terra, rios, plantas, animais, vida social, direito; guerra, paz, escola, ciências, artes, diversões, morte, fim do mundo”. Dois anos depois, Comênio propôs dar a sua *Januaum Vestibulum*, livro introdutório ao aprendizado do latim. Outra obra destinada ao ensino do latim foi o *Atrium*, de 1651. O livro foi dedicado, preferencialmente, à “teoria do estilo e os princípios da Retórica e da Poética”. Larroyo (1974) explica que com isso havia

o propósito de unir, de modo mais íntimo, os dois grandes setores do ensino (as coisas e as palavras, *res et verba*), Comênio editou o *Orbissensualiumpictus, hoc est ominium fundamentaliuminmundo verumet in vitaactionumpictura et nomenclatura* (‘o Orbe ilustrado, isto é, a representação e nomenclatura de todas as coisas importantes do mundo e das atividades da vida’), (1658). Trata-se, como diz o título, de ilustrar a palavra mediante a representação figurada do objeto expresso (LARROYO, 1974, p. 418).

No que se refere às obras teóricas, a escrita comeniana mais importante foi a *Didatica magna, universale omnes omniadocendiartificiumexhibens* (a magna Didática, que apresenta a completa arte de ensinar tudo a todos), editada em 1628, em língua boêmia, e em latim em 1638 (LARROYO, 1974, p. 419). Em termos de datação, Franco Cambi (1999, p. 286) explica que entre os anos de 1628-1632 foi escrita a *Didática tcheca* e, após ajustes e acréscimos, foi finalmente publicada em Amsterdã em 1657, com o título de *Didática magna*. É nesta obra de Comênio que nos debruçamos para a realização deste trabalho. Segundo João Luis Gasparin, essa obra

é um tratado sistemático de pedagogia e didática, tendo como suportes a filosofia, a teologia, a nova forma de trabalho e as ciências da natureza. O livro compendia, de certa forma, todo o ideário pedagógico de Comênio. Objetiva mostrar como é possível ensinar tudo a todos, através do ordenamento das escolas, tornando-as verdadeiras e vivas oficinas de homens, e viveiros eclesiásticos, políticos e econômicos (GASPARIN, 1998, p. 143).

O Pensamento de Comênio: Um Olhar

Cabe esclarecer que não é nosso propósito, nem deveria, transpor Comênio para os dias de hoje. Mas também não queremos com isso negar que a partir de tal leitura não se possa tirar lições oportunas aos nossos dias, ou melhor, lições que possam ajudar a compor o nosso quadro mental ou arcabouço teórico. Importa, ainda, não conjecturar o *real* desejo de Comênio em sua *Didática magna*, mas estudar o texto escrito.

Nessa perspectiva, é pertinente perguntar se há evolução no pensamento comeniano, na obra em questão, ou se coexistem duas linhas de pensamento: uma teológica e outra filosófica. Estamos mais inclinados a defender esta última proposição, acrescentando, conforme Gasparin (1998, p. 141), que “em Comênio, filosofia e didática são inseparáveis”. Embora a primeira parte do livro esteja recheada de incursões às Escrituras Sagradas e Comênio (2006, p. 19) ter afirmado que “não será vão o trabalho iniciado em nome do senhor”, não é nosso propósito, aqui, nos dedicar aos fundamentos teológicos da educação comeniana.

Entretanto, chamamos atenção ao olhar cuidadoso de Comênio à didática e à importância da escola. Em tal esforço, ele visualiza um espaço de possibilidades e terreno fértil para o pensamento. Assim, seu estudo “servirá para ensinar que há um degrau mais alto e mais próximo da meta do que até agora se acreditou” (COMÊNIO, 2006, p. 15). Ele afirma haver uma progressão gradual do espírito e da inteligência: “todas as faculdades no espírito generoso, tendem sempre para o alto, ainda que nunca atinjam o último termo” (COMÊNIO, 2006, p. 45).

Despertar o interesse do outro pela busca do saber é um dos pontos-chave da didática comeniana. O interesse pelo saber move o pensamento e o torna inquieto, insaciável. E nesse horizonte encontra-se a escola. Comênio compreende, contudo, que a mera existência dela não é suficiente. Dessa maneira, ele viu que “as ruínas de velhas escolas” estavam em incongruência com sua didática ou a “arte de ensinar tudo a todos”. Comênio percebeu claramente que tal contradição deveria ser superada: “quem tem a intenção de edificar um novo edifício costuma, antes de mais nada, plantar o terreno e demolir a velha construção, pouco cômoda e decadente” (COMÊNIO, 2006, p. 17).

Estaria, aqui, Comênio se afastando do teor teológico de seu pensamento? Ou, em outras palavras: estaria Comênio rompendo com a linearidade sob a qual tudo vem de Deus e deverá voltar aos céus mediante melhoramento do homem via educação? Provavelmente, em ambos os casos, não. E mais: talvez, esse não seja o melhor caminho para quem busca situar alguma novidade na educação comeniana. Se Comênio acreditava que a verdadeira vida é celeste e não terrena, não devemos julgá-lo por isso, pois, apesar/além dessa crença, sua preocupação com a

educação, com a(s) escola(s) é notória. Dessa maneira, compreender que o pensamento de Comênio consiste num trânsito entre o teológico e o filosófico e que isso não compromete a sua pedagogia nos parece mais proveitoso.

Assim sendo, importa perquirir a estrutura do pensamento comeniano. Talvez possamos perceber que, em tal estrutura, os suportes teológicos e filosóficos estão para além do homem. Em outros termos: o que está em jogo não é a existência, mas as condições que permitiram que Comênio pudesse pensar e escrever da maneira que pensou e escreveu e não de outra. Nesse sentido, parece significativa a citação que Comênio (2006, p. 37-38) traz de Joh. V. Andrea, quando pergunta e responde “a quem interessa que a didática seja bem fundamentada”:

1. AOS PAIS: até hoje a maioria deles não sabia com certeza o que esperar para os filhos. Contratavam preceptores, cercavam-nos de favores, adulavam-nos com presentes, às vezes os substituíam, com frequência inutilmente, sem um mínimo de resultado. Mas uma vez que o método de ensino tenha atingido infalível certeza, obter-se-á sempre com a ajuda de Deus o resultado esperado.
2. AOS PRECEPTORES: destes, a maioria sempre ignorou a arte de ensinar; por isso, para cumprir com seu dever, consumiam-se e exauriam suas forças em diligente atividade; ou então mudavam de método, procurando obter resultados por este ou aquele caminho, nunca sem aborrecido gasto de tempo e energia.
3. AOS ESTUDANTES: que serão conduzidos sem dificuldade, sem enfado, sem grifos e pancadas, praticamente brincando e divertindo-se, aos mais elevados graus de saber.
4. ÀS ESCOLAS: com um método mais eficaz, não só poderão manter-se em plena florescência como também melhorar indefinidamente. Tornar-se-ão uma ‘brincadeira’, verdadeiras casas de delícias e de atrações. E quando (graças à infabilidade do método) cada aluno se torna doutor (do grau superior ou inferior), os estudos não poderão deixar de prosperar nem faltarão pessoas aptas a dirigir as escolas.
5. AOS ESTADOS: segundo o citado testemunho de Cícero. Com este concorda Diógenes, o Pitagórico (mencionado por J. de Stóboi): ‘Qual é o fundamento de todos os Estados? A educação dos jovens. As videiras que não são bem cultivadas nunca produzem bons frutos.’
6. À IGREJA: porque somente escolas bem fundamentadas poderão evitar que à igreja falem doutores instruídos e a estes, discípulos capazes.
7. Finalmente, é de interesse do CÉU que as escolas sejam reformadas para promover a educação idônea e universal das almas.

Nesse jogo de interesses, não por acaso, atentemo-nos a um: o item 4 - às escolas. Não porque está na intersecção conforme a ordem da citação, mas porque à instituição escola atribuiu-se a capacidade de comportar os interesses da família, dos professores, dos Estados, da(s) igreja(s) e de Deus. Nela condensam-se valores: morais-ético-religiosos; ordeiros-cívico-

herdeiros; científico-rationais. Quanto ao *real*, isso é outra questão. Fato é que a escola é ponto-chave para o pensamento didático-pedagógico-educacional de Comênio. Resta-nos, porém, aprofundar esse entendimento.

Ora, Comênio tem clareza de que na escola o leque de aprendizagem ou de possibilidades de aprendizagem é amplo. Para exemplificar sua compreensão, ele recorre à natureza – “primeiro modelo das escolas” (GASPARIN, 1998, p. 80) – onde muitas sementes são dadas, mas a ciência só pode ser adquirida “com o estudo, com muito esforço pessoal” (COMÊNIO, 2006, p. 71). E, conseqüentemente, ao menos em tese, a escola é o lugar essencial de tais manifestações. Assim, se existe uma ordem natural das coisas e se a sociedade busca, incessantemente, *ordenar* seu funcionamento, por que não fazer da escola o espaço central da ordem do pensamento educacional?

Se um pai de família não cuida ele mesmo de tudo o que é necessário à administração doméstica, mas confia em vários colaboradores, por que não deve fazer o mesmo também neste caso? Quando precisa de farinha, vai ao moleiro; de carne, ao magarefe; de bebidas, ao taberneiro; de roupas, ao alfaiate; de sapatos, ao sapateiro; quando precisa de uma construção, de uma charrua, de um prego, vai ao carpinteiro, ao construtor, ao ferreiro, e assim por diante. E ainda, para educar os adultos na religião existem os templos; para discutir as causas entre contendores e para convocar e informar o povo das coisas necessárias, existem os pretores e as cúrias; por que então não deve haver escolas para a juventude? (COMÊNIO, 2006, p. 85).

Isso demonstra que embora a *Didática* de Comênio transite ora pelo pensamento teológico ora pelo pensamento filosófico, ele consegue separar os papéis peculiares e essenciais de cada campo.

Talvez a questão fosse tornar as escolas correspondentes à sua finalidade. O que só acontece, se elas, segundo Gasparin (1998, p. 81) lembrando Comênio, se constituem em verdadeiras “oficinas de homens. Para que isso acontecesse, no tempo de Comênio, teria sido necessário, em primeiro lugar, que existissem escolas, o que não ocorria; em segundo lugar, que elas usassem métodos adequados, o que também não acontecia”. Já imaginou o que seria do nosso trabalho intelectual se só pensássemos acerca de temáticas favoráveis aos nossos sentidos? Ou se para discutirmos uma questão precisássemos, primeiramente, visualizar sua materialidade conforme o nosso desejo? A educação, por meio da escola e da didática, constituiu-se num problema para Comênio e ele enfrentou com as armas que tinha.

Sim. Comênio pode constatar que em seu tempo faltaram escolas, inclusive escolas que “correspondessem perfeitamente a seus fins”. Um dos problemas que impediriam o bom andamento das escolas é o que ele chama de “o problema do método”.

Para instruir os jovens, ademais, a maioria adota um método tão duro que as escolas geralmente são consideradas espantalhos para crianças e tortura para a mente: a maior parte dos alunos, enojada da cultura e dos livros, precipita-se para as lojas dos artesãos ou para alguma outra ocupação (COMÊNIO, 2006, p. 105).

Na compreensão de Comênio, os alunos saíam das escolas menos preparados do que entravam, pois, entre outras coisas, faltava clareza às escolas e a seus professores quando apresentavam aos estudantes o que deviam aprender. Os espíritos, “na maioria das vezes, foram enchidos com palavras superficiais, vãs, papagaiadas, e com opiniões que têm a consciência da palha e da fumaça” (COMÊNIO, 2006, p. 106). Para Comênio, era preciso superar o *verniz superficial da cultura*. Contudo, ele sabia que os erros cometidos no passado educacional não poderiam mais ser desfeitos. Mas se havia interesse em ajudar os jovens do futuro, algo, no presente, ainda podia ser feito: “de uma só coisa somos capazes, que é ajudar nossos pósteros na medida do possível; assim, demonstrando os erros em que nossos preceptores nos lançaram, mostraremos o caminho para evitá-los” (COMÊNIO, 2006, p. 108).

Observe que Comênio não estava preocupado apenas em constatar a falta de escolas e a inconsistência das existentes, com seus problemas etc. Ele compreendia que não se tratava de uma questão do passado nem puramente do momento presente. O certo é que a questão da educação devia ser posta em xeque. Engana-se quem pensa que para Comênio a resolução do problema viria de uma didática entendida como prática, no sentido prático do fazer pedagógico. Ora, é verdade que nosso autor defendia que as coisas fossem ensinadas aos jovens de forma *fácil*, mas nem por isso banalizada ou meramente técnica.

“Existirá na natureza algum corpo de cor tão escura que não seja refletido por um espelho desde que posto diante dele com luz apropriada?” (COMÊNIO, 2006, p. 114). Pois bem. Todo o esforço de Comênio ao escrever sua *Didática magna* com precisão e clareza, com exemplos da natureza e das ideias correntes, seja ainda na perspectiva de uma mentalidade medieval – tanto do ponto de vista dos leitores da Bíblia ou dos que dela se aproximavam pela fé quando ouviam a missa em latim ou mediante pregações dos reformadores – e cristã, seja numa perspectiva renascentista, enfim, todo o seu esforço didático-pedagógico consiste num

exercício do pensamento que se, hoje, por exemplo, não for bem compreendido será usado de forma simplificada e simplificadora e tal obra reduzir-se-á a um mero *receituário* didático. É preciso, pois, compreender que além de uma didática, no sentido prático do fazer pedagógico, é possível pensarmos que Comênio trouxe uma didática em seu pensamento. Vale dizer: não se separa o pensar do fazer pedagógico.

CONCLUSÃO

As considerações desenvolvidas neste texto tiveram como objetivo interrogar a *Didática magna* de Comênio. Todavia, não nos interessou neste percurso reafirmar simplesmente o que autores renomados já afirmaram. Não se trata de defender ou de acusar Comênio, mas de acreditarmos que há algo que, ainda, precisa ser dito acerca do estudioso morávio, sobretudo de sua *Didática magna*. Trata-se do pensamento comeniano. Nesta perspectiva, ousamos perguntar: teria alguma novidade ou estaria Comênio esgotado tal como Descartes? Ora, se ainda há algo a ser dito sobre Comênio ou sobre sua obra, como imaginamos, parece haver redundância na questão.

Entretanto, o exercício de pensamento que desejamos realizar não é tão simples assim. Isso demonstra que ainda necessitamos de mais tempo, de mais reflexão, em suma, de mais pesquisas capazes de tornar nossa ideia mais consistente. Se for refutada, não há maiores problemas nisto. Vale o percurso de leitura.

Todavia, como defende Rui Barbosa em epígrafe, madrugara no ler é importante, mas no pensar é fundamental. “O saber não está na ciência alheia, que absorve, mas, principalmente, nas ideias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, porque passam, no espírito que os assimila” (BARBOSA, 2009, p. 53). Observa-se, ainda hoje, resquícios de uma tendência mais preocupada com o fazer do que com o pensar, como se isso fosse possível. Se você só executa, é porque alguém pensou em seu lugar. Esse tipo de prática não nos interessa, pois não há aí autenticidade nem democracia.

Interessa-nos o fazer que não se separa do pensar pedagógico. Importa-nos o saber. Mas é preciso lembrar, ainda com Rui Barbosa: “um sabedor não é um armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas”. Comênio é para nós, como todo clássico, mais do que um autor que pode ser resgatado, uma fonte que inspira reflexão. Com sua arte, não faz objeção de quem deve ou não ser detentor de saber ou de enfrentar o saber.

Com as palavras de Bloch (2001, p. 41), fazemos um elogio a Comênio: “não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares. Mas simplicidade tão apurada é privilégio de alguns raros eleitos”. Compreendemos, contudo, que se Comênio em sua *Didática magna* não escreve para todos, pelo menos os que tiverem interesse em interrogar o pensamento comeniano podem fazê-lo. Mas em nenhum momento podemos reduzir tal pensamento a mero conjunto de técnicas de dar aula, grosseiramente confundido com didática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. São Paulo: Hedra, 2009.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história*, ou, O ofício do Historiador. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 277-293.
- COMÊNIO, J. A. *Didática magna*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2006.
- GASPARIN, João Luís. *Comênio – a emergência da modernidade na educação*. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.
- LARROYO, Francisco. *História geral da pedagogia*. Tomo I. Tradução de Luiz Aparecido Carus. São Paulo: Mestre Jou, 1974. p. 415-423.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2008.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da Antiguidade aos nossos dias*. Tradução de Gaetano Lo Monaco. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 269-274.
- MASETTO, Marcos Tarcísio. *Didática: a aula como centro*. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.
- RENÉ, Hubert. *História da pedagogia*. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967, p. 233-236.
- Recebido em 14 de julho de 2016.
Aprovado em 25 de agosto de 2016.